



120

A vindima deste ano, em Setembro, vai transformar em vinho do Porto 120 mil pipas.

Visibilidade às gravuras

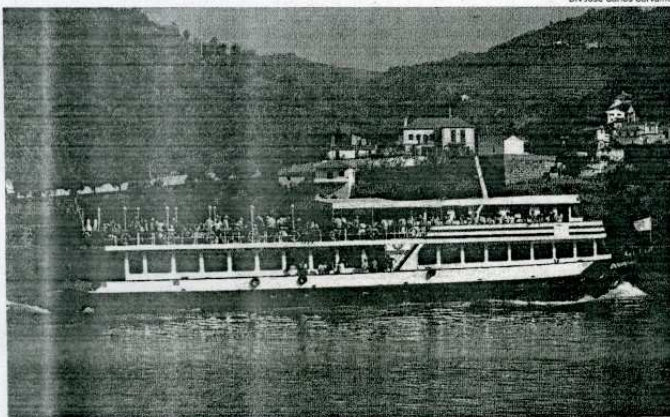
► À espera de uma expressão mais visível e melhores apoios ao turista continua o Parque Arqueológico do Vale do Côa. São Património Mundial as gravuras rupestres ao longo das margens do Côa, do Paleolítico e da Idade do Ferro.

Mundial

► Património com 25 mil hectares, com cem castas autóctones de videiras, classificado em 2001 pela UNESCO.

“Uma região com um potencial tremendo”

DN-José Carlos Carvalho



CRUZEIROS. Os barcos da empresa Douro Azul são já uma imagem de marca na região do vale do Douro

■ JOANA DE BELÉM

Este ano, o turismo no Douro arancou “mais lentamente”, mas o Verão está a ser “bastante interessante” e “atractivo para a clientela portuguesa”. Quem é o diz é o homem que é a face mais visível do investimento nesta área na região. Segundo o empresário Mário Ferreira, da Douro Azul, notou-se este ano “alguma apreensão” da parte dos turistas estrangeiros, reticentes com as notícias veiculadas sobre os fogos que têm assolado o

País, com os operadores turísticos a elaborar extensos “inquéritos” sobre o que poderão encontrar.

Apesar de tudo, o número de visitantes não portugueses é semelhante ao do ano passado e, em termos globais, andar-se-á 5% acima de 2004 no que toca à afluência de visitantes, avança Mário Ferreira. “Está a ser um ano positivo, mas não daqueles a que possamos chamar de excepcionais”, disse o empresário ao DN, acrescentando ser um ano que “exige atenção espe-

cial para os clientes estrangeiros”.

Mas qual o futuro da região duarense enquanto destino turístico preferencial? “É óbvio que o Douro é uma aposta cada vez maior, tem um potencial tremendo”, afirma Mário Ferreira. “Mas a crise nos mercados interno e externo”, acrescentando-se-lhe o “excesso de publicidade na comunicação social estrangeira em relação aos fogos, não são muito benéficas para um país que se quer afirmar como destino turístico”, sublinhou aquele

empresário.

Em termos de turismo nacional, os programas da Douro Azul que registam mais afluência (cerca de cem mil passageiros por ano) são as viagens diárias em embarcação pelo rio acima (Porto-Régua-Porto e Porto-Pinhão-Porto) e regresso em comboio - A Douro Azul assume-se, aliás, como o maior cliente da linha ferroviária da CP nesta região.

A empresa realiza também programas de fim-de-semana, com estada em turismo de habitação e no setecentista Solar da Rede. O modelo é semelhante, a ida faz-se através do rio e o regresso por terra.

O terceiro programa mais requisitado é o dos cruzeiros com duração de uma semana, que integra, à semelhança dos outros, várias excursões em terra, refeições em restaurantes ou quintas e visitas a locais de interesse histórico, paisagístico ou cultural. Mas aqui, ao contrário do que sucede nas embarcações de cruzeiro diário, o mercado é composto maioritariamente por clientes estrangeiros.

Criado mais recentemente, existe ainda o Tour Almoço no Douro. Com uma duração de cerca de três horas, os visitantes partem

do Porto até Mesão Frio, em helicóptero, almoçam no emblemático Solar da Rede e regressam depois, também pelo ar.

Uma das “joias da coroa” da Douro Azul é precisamente o Solar da Rede. Recuperado pela empresa, é uma imponente quinta, propriedade típica do Douro com 40 hectares de terreno, sendo que 27 são de vinha, dois de olival, 1,5 de pomares (povoados de laranjeiras, limoeiros e tangerineiras), quatro hectares de mata e o restante de construções, caminhos e zonas de lazer.

Actualmente, a quinta é produtora-engarrafadora de vinho generoso (*Tawny Ruby e White*) e de vinho de mesa (branco e tinto). Adicionalmente, também é comercializado azeite e vinagre da quinta. As frutas e produtos hortícolas são utilizados nas ementas tradicionais da casa.

Para o armazém do Granjão está em curso um projecto para adaptação a um centro de vinificação com a mais alta tecnologia.

No que diz respeito às actividades relacionadas com a produção agrícola, as pessoas que visitam o Solar da Rede pela altura das vindimas podem não só apenas observar os trabalhadores que vindimam, mas também elas próprias participar nesse ritual tão ligado à história do Douro.

NÚMEROS. No que toca ao mercado estrangeiro, o balanço anual ronda os dez mil visitantes, entre hotéis e barcos hoteleiros, e os quarenta mil nos cruzeiros diários. Estes últimos, que não incluem dormida, registam uma afluência de cerca de cem mil clientes portugueses por ano, segundo os números avançados ao DN pela empresa Douro Azul.

“Este ano notou-se alguma apreensão da parte dos turistas estrangeiros, reticentes com as notícias veiculadas sobre os muitos fogos que têm assolado o País”

Burocracia trava recuperação do património

■ A. T.
■ J. B.

Os últimos anos foram férteis quanto à implementação de várias unidades de oferta de alojamento turístico na região, nomeadamente na zona do Douro Sul e com especial destaque para os empreendimentos de turismo no espaço rural. A recuperação do património está na moda e, em todos os concelhos, não faltam projectos de recuperação do edifício antigo, muito prostrado devido ao enquadramento paisagístico e arquitectónico que possui a generalidade das localidades, assim como as características naturais e rurais que assumem uma componente importante ao surgimento de diversos investimentos. “Há muitas pessoas a querer apostar na recupe-

ração do património, há muitos projectos para o Douro”, garante o empresário Mário Ferreira, mas o problema, diz, “é sempre o mesmo: a burocracia”, que vai empantando os projectos.

O que existe “não chega para formar massa crítica que torne o Douro num grande destino”. Segundo Mário Ferreira, o maior trabalho de recuperação terá sido mesmo feito pela sua empresa, com um investimento de 5,5 milhões de euros na renovação do setecentista Solar da Rede - “o primeiro *franchising* negociado com o Governo para uma Pousada de Portugal” que, no entanto, é inteiramente gerida pela Douro Azul.

Mesmo assim, este tipo de empreendimentos tem vindo a crescer

de forma substancial e as próprias regiões de turismo vão promovendo e fomentando a recuperação do património edificado, revelador da arquitectura típica regional e concentrando à sua volta, além do alojamento, importantes actividades de animação e tradições culturais da região. Ao mesmo tempo, tenta-se criar condições para o desenvolvimento de outras actividades, de que o enoturismo é o exemplo, através da interligação destes empreendimentos com as rotas de vinho existentes.

Seja como for, há muito ainda a fazer em termos de alojamento, já que o Douro está longe da oferta disponibilizada por outras regiões. Lamego é o concelho que dispõe de maior número de empreendimen-

tos, tanto ao nível da hotelaria convencional como de turismo em espaço rural, com 13 infra-estruturas deste tipo. Seguem-se depois Meda, com oito, e Armamar, com seis. Cinfães e Resende apresentam cinco unidades cada, o concelho de S. João da Pesqueira regista quatro, enquanto Tabuaço comporta três empreendimentos. Sernancelhe e Tarouca integram duas unidades cada. Os concelhos de Moimenta da Beira e Penedono têm uma cada. O total de dormidas e hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros da região foi, em 2002, de mais de 234 mil.

Actualmente, está em fase de construção um hotel de cinco estrelas em Lamego, designado por Vale Abraão, e outra unidade hoteleira em Baião, também de cinco es-

trelas. A Douro Azul está a investir em Mesão Frio, onde será criada também uma grande unidade.

Quem investe na região tenta também proporcionar uma oferta o mais variada possível. O Hotel Rural Burmester, por exemplo, para além do alojamento, proporciona a quem o procura diversas actividades ligadas à vindima e ao vinho, num formato que começa a ser seguido por outros operadores, incluindo os da cidade do Porto, que concentra ainda a grande maioria dos turistas que se dirigem para o Douro. Geralmente, a estada é feita na cidade e grande parte dos turistas visita a região duarense apenas num dia. A viagem é feita de manhã, sobretudo através de cruzeiros, sendo o regresso à noite.